

Mídia e educação de surdos: transformações reais ou uma nova utopia?

Idavania Maria de Souza Basso

Resumo

Este texto propõe-se a discutir algumas implicações do uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs – na educação de surdos. Aborda aspectos relativos à comunicação, cultura, letramento e processo de emancipação humana. Aponta a dificuldade de ingresso dessas tecnologias na educação de surdos, seja pela falta de acesso a elas por problemas econômicos, seja pela formação dos professores para o seu uso, o que afeta toda a educação.

Palavras-chave

Surdos-Educação. Tecnologia da Informação. Tecnologia da educação.

Pedagoga da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, p. 113-128, 2003

Technology and Deaf Education: Is this a Real Change or a New Utopia?

Abstract

This paper proposes to discuss some implications from new technologies of information and communication – NTICs – in Deaf Education. It discusses aspects related to the communication, culture, literacy and human emancipation process. It presents, also, some difficulties to use technologies in Deaf Education, either by economic reasons or by teachers to be not educated for that.

Key-words

Deaf-Education. Information technology. Educational technology.

*As circunstâncias fazem os homens
tanto quanto os homens fazem as circunstâncias.*

Marx e Engels

Introdução

Este texto tem por objetivo refletir sobre uma série de questões relativas às novas Tecnologias de Informação e comunicação - TICs e seus impactos sobre as propostas educacionais para as pessoas surdas. Para tanto, sintetizamos, em alguns tópicos, as complexas relações existentes no contexto escolar destes sujeitos e suas vinculações com a comunicação, as práticas de alfabetização e letramento e o processo emancipatório destas pessoas. Os temas aqui tratados fazem parte de uma rede de significações que vem sendo construída sob dois pontos de vista: por um lado, no contexto das escolas regulares, local este que tem sido, nos últimos anos, objeto de estudo sobre os impactos das mídias na formação dos sujeitos, nas mais variadas disciplinas. Por outro lado, no contexto das comunidades surdas organizadas que vêm, desde há muito tempo, lutando pela sua inserção na sociedade e que têm encontrado novas possibilidades a partir do incremento dado por esta às novas TICs.

Nossa preocupação, aqui, é estabelecer algumas pontes entre os conhecimentos produzidos sobre a relação mídia e educação e o que se tem configurado, ainda hoje, como o uso das tecnologias – principalmente as de informação e comunicação – no chamado ensino especial, onde tradicionalmente as pessoas surdas estão localizadas². Portanto, algumas questões se colocam como propulsoras deste pequeno estudo, sem deixar de considerar que o espaço deste texto é bastante pequeno para o aprofundamento que este debate requer:

- a) Qual o significado das TICs no processo educacional das pessoas em geral e das pessoas surdas em particular ?
- b) Em que medida colaboram no processo de alfabetização e letramento?
- c) Têm as TICs, efetivamente, contribuído para a emancipação humana e para a equiparação entre os homens?

Antes, porém, o recorte dado ao tema exige algumas reflexões sobre o processo educacional das pessoas surdas, para situarmos melhor nosso objeto e para compreendermos o que queremos dizer quando apontamos as TICs no cerne das possibilidades para estas pessoas.

A educação das pessoas surdas

O processo educacional das pessoas surdas foi e tem sido continuamente marcado por decisões políticas que envolvem juízos de valor sobre a condição humana e, portanto, configurou-se de diferentes maneiras no decorrer da história da humanidade. Obedecendo ao princípio organizador das diferentes formas sociais – e não poderia ser de outra forma, pois em nenhum momento estas pessoas deixaram de ser sujeitos históricos – observamos que este processo foi marcado por diferentes significações, produzidas pelos homens a partir da concepção de homem, mundo e sociedade dominantes de cada época. Entendemos, assim, que este processo não se restringiu às pessoas surdas em particular, mas que atingiu todos os membros da sociedade, qualificando e classificando-os a partir dessas concepções.

Temos, então, em cada época da história da humanidade, ideais de perfeição humana que correspondem aos ideais daqueles que detêm o poder político e econômico – ou o *poder material* – e, no dizer de Marx e Engels (1998, p. 48), também o poder *espiritual*, ou seja, as idéias. Entendemos que este é um dos pontos principais a ser considerado ao se propor compreender o processo educacional em geral e, neste caso particular, o das pessoas surdas, pois somente assim compreenderemos os reais motivos que promoveram as rupturas entre uma forma de concebê-las como não-humanos, sujeitos de segunda classe, possuidores ou não de uma *alma*, cidadãos.

A educação sempre foi privilégio das elites, das classes dominantes de todas as sociedades e, como tal, não extensiva a todos os membros da sociedade, tivessem estes uma distinção³ qualquer ou não. Referências à educação das pessoas surdas começam a aparecer somente no século XVI, com os preceptores de filhos surdos das famílias nobres e da nascente burguesia. Estes preceptores eram geralmente médicos ou religiosos e tinham como objetivo principal a desmutização⁴ destas pessoas, de forma a torná-las aptas a administrarem sua herança. Independente dos métodos e técnicas utilizados nesta primeira fase, consideramos que desde os primórdios da humanidade a fala oral era supervalorizada, como transmissora das tradições, dos costumes, dos ideais de cada povo e também como forma de estar em contato com Deus, ideal supremo na Idade Média. Podemos dizer que, até esse momento, a cultura predominante em todas as sociedades humanas, de um modo geral, era uma **cultura oral**. A fala oral somente deixou de ocupar este lugar com a invenção da imprensa, em 1440, por Gutemberg, e a escrita passou a ser o principal instrumento de acesso às informações e aos conhecimentos, bem como à palavra de Deus presente na Bíblia⁵.

A escrita, embora existindo desde muito antes, também era privilégio de alguns poucos e a sua disseminação através da impressão no papel pode ser considerada um dos marcos tecnológicos da humanidade. É de se supor que para as pessoas surdas este fato contribuiu, e muito, para que novas alternativas educacionais se consolidassem, relacionando o aspecto visual da escrita com o aspecto visual-gestual da Língua de Sinais⁶. Durante um bom período, esta associação possibilitou um avanço significativo na educação das pessoas surdas, complementadas com a fundação da primeira escola pública para surdos em Paris, em 1760, cuja característica principal era a educação gestual. Evidentemente outras escolas surgiram nesta mesma época, cuja prioridade era a educação destas pessoas através da fala oral. Vemos, portanto, a educação das pessoas surdas surgindo no bojo das reivindicações por escola pública da nova sociedade que se instalava a partir da revolução francesa e que, através de métodos mais eficazes de ensino através da experiência visual (tanto da Língua de Sinais quanto da escrita), contribuía para a inserção destas pessoas no mercado de trabalho. A escrita, valorizada como um bem, um patrimônio individual que cabia a cada cidadão alcançar, também tornou-se condição de cidadania para as pessoas surdas, já a partir desta época. Podemos dizer então, que prevaleceu na maioria das sociedades ocidentais, neste período, uma **cultura escrita**.

Mas isso não durou muito tempo. A complexificação da indústria, as invenções tecnológicas e os avanços da medicina mudaram os rumos da educação destas – e de outras – pessoas. Novas habilidades tornaram-se necessárias no mundo do trabalho, novos conhecimentos eram exigidos dos trabalhadores para operarem as modernas máquinas. Saber ler e escrever já não era o bastante para os trabalhadores, também para os surdos.

Paralelo a isso, um crescente movimento em torno das invenções na área audiofônica possibilitou a recuperação da audição para grande parte das pessoas surdas⁷, além de novas técnicas de oralização e desmutização. As invenções do telefone, do audiômetro⁸ e dos primeiros aparelhos de amplificação sonora, aliadas às descobertas do estudo da anatomia humana e das técnicas cirúrgicas possibilitaram novos parâmetros que redefiniram o processo educacional das pessoas surdas. Este processo passou, então, a priorizar o aspecto clínico-terapêutico de reabilitação da fala e da audição através de técnicas terapêuticas específicas e uso de aparelhos de amplificação sonora, secundarizando o aspecto educacional⁹. O ensino da fala oral tornou-se obrigatório a partir do final do século XIV, intensificando-se até meados da segunda metade do século XX, quando surgiram as primeiras pesquisas na área da lingüística sobre a Lín-

gua de Sinais, e um pouco mais à frente, com as contribuições das Teorias da Comunicação ao ensino das línguas e, conseqüentemente, ao ensino da língua oral às pessoas surdas. A utilização dos mais variados recursos para que estas pessoas surdas aprendessem a língua oral e tivessem, com isso, acesso às informações e aos conhecimentos, possibilitou a elas uma nova alternativa educacional¹⁰. A aprendizagem deixou de vincular-se apenas à aquisição da língua oral, mas tornou possível, também, o uso de recursos visuais – desenhos, fotografias, filmes etc. – entre eles a Língua de Sinais, embora ainda não aceita com o estatuto de uma verdadeira língua, mas como um recurso a mais, um suporte à aprendizagem da língua oral.

Temos que considerar, entretanto, que embora houvesse restrições à Língua de Sinais em quase todos os países do mundo, ela jamais deixou de existir onde houvessem surdos em contato. Mesmo proibida e desestimulada nas escolas e também dentro de lares ouvintes, ela permaneceu viva nos lares de famílias surdas, nos clubes e associações, contribuindo para a constituição das comunidades surdas¹¹ e sendo o principal elemento do que se compreende, na atualidade, como *identidades surdas e culturas surdas*¹². Os estudos sobre esta língua, intensificados no final do século XX e cuja modalidade é visual-espacial e não oral-auditiva como as línguas orais, desencadearam uma série de movimentos em prol de sua utilização na educação das pessoas surdas em várias partes do mundo. Como elemento constituidor de sujeitos surdos, na ampla acepção que este termo permite, a Língua de Sinais é considerada pelas comunidades surdas organizadas como a língua a ser utilizada na sua educação, pensamento compartilhado por muitos pesquisadores e educadores ouvintes.

Já na segunda metade do século XX começaram os movimentos mundiais das comunidades surdas por uma educação bilíngüe¹³, que respeitasse sua língua e sua cultura. Estas reivindicações estão enquadradas no movimento mundial desta época de luta pelos direitos humanos (individuais e coletivos) de todos os grupos – os países recém independentes, as mulheres, os homossexuais, os negros, os indígenas – enfim, todos os grupos minoritários, ou seja, estão enquadradas dentro dos Movimentos Sociais. Desta forma, os estudos sobre a educação das pessoas surdas deixam de pertencer ao âmbito da medicina e passam a fazer parte de um novo campo de estudos, os Estudos Culturais que, como o nome já diz, formam um campo de pesquisa na área da cultura em seu sentido antropológico amplo, porém restrito ao universo das sociedades industriais contemporâneas e que discute temas como gênero e sexualidade, identidades, pós-modernidade, multiculturalismo e globalização.

A afirmação da identidade cultural e lingüística de cada grupo torna-se cada vez mais presente. No caso dos surdos, sua língua adquire estatuto oficial de Língua, como qualquer língua oral, sendo específica da comunidade surda de cada país. Deixa também de ser uma língua ágrafa, pois iniciam-se os estudos sobre a escrita de sinais – o SignWriting¹⁴ – que hoje se configura uma escrita virtual, possibilitada pelo uso de computadores.

Não podemos esquecer que, ao mesmo tempo em que os movimentos surdos reivindicam direitos e justiça social para esta comunidade, a ciência avança em descobertas e novas possibilidades tecnológicas. Os avanços tecnológicos trouxeram aparelhos de amplificação sonora mais sofisticados – e mais caros também – além de treinadores de fala, técnicas cirúrgicas mais complexas e implantes cocleares que restituem parte da audição. Trouxeram, também, novos instrumentos de comunicação que facilitaram, e muito, a vida das pessoas, como o vídeo e a televisão, os aparelhos de fax, os telefones celulares com possibilidades de mensagens escritas, mobis, pagers, bips, correio eletrônico, vídeo-fone no computador, vídeo-fone no aparelho celular... Embora muitos surdos dispensem os avanços na área médica, fonoaudiológica e reabilitatória, poucos duvidam das infinitas oportunidades trazidas pelas tecnologias de informação e comunicação, em especial a Internet. Desta forma, na época em que vivemos, onde propostas educacionais diametralmente opostas coexistem em todos os âmbitos da sociedade, observamos uma avalanche de recursos tecnológicos disponíveis, correspondendo tanto aos objetivos das escolas e clínicas de reabilitação da fala e da audição, quanto aos dos próprios movimentos surdos em todo mundo na preservação de sua língua, de sua identidade e de sua cultura.

Considerando apenas o aspecto da comunicação e da informação originadas pela complexificação da própria sociedade, nos deparamos hoje com a supremacia da **cultura audiovisual**, observada na profusão de meios cada vez mais sofisticados de transmissão de imagens sonoras e, especialmente visuais, num processo criativo inesgotável. E esta profusão de informações visuais tem beneficiado, e muito, as pessoas surdas, ao mesmo tempo em que têm despertado nelas o desejo e a necessidade de apropriarem-se de uma antiga tecnologia, tida até então como privilégio somente de quem fala com a boca e inacessível a ouvidos moucos – a escrita. Além disso, a sociedade tem exigido “um novo tipo de *indivíduo* e trabalhador: um indivíduo dotado de competências técnicas múltiplas, habilidade de trabalho em equipe, capacidade de aprender e de adaptar-se a situações novas”. (BELLONI, 2001, p. 22).

A partir disso e da constatação científica dos processos de aprendizagem essencialmente visuais específicos das pessoas surdas – como o tato e a audição para as pessoas cegas – estão sendo reconfiguradas as propostas educativas para estas pessoas, priorizando a experiência visual e utilizando as TICs como ferramenta pedagógica. Isto inclui a leitura e a escrita, não no que se reporta aos seus aspectos sonoro-auditivos, mas aos visuais e inclui, principalmente, a leitura e produção de imagens visuais veiculadas pelas TICs, em especial a televisão e a Internet. Neste sentido, mais que a alfabetização propriamente dita e restrita aos processos de codificação/decodificação de símbolos sonoros e gráficos, as TICs têm sido consideradas co-responsáveis pela elevação dos níveis de letramento¹⁵ entre as pessoas surdas, conforme veremos mais adiante.

Há muito a ser dito, pesquisado, discutido, polemizado sobre este assunto. O que pretendemos evidenciar aqui não se restringiu a um breve passeio pela história da educação das pessoas surdas, nem pretendeu abranger todos os aspectos intrínsecos a ela. Buscamos mostrar, a partir do viés tecnológico e cultural, como as rupturas no processo educacional destas pessoas ocorreram em função das formas de organização da vida humana em geral, onde estão presentes as relações humanas em toda sua profundidade e onde, reciprocamente, os homens fazem sua história.

Mídia e educação de surdos

As novas formas de interação, aprendizagem e socialização inerentes às novas TICs têm acarretado mudanças nas formas de pensar e viver de toda sociedade. Um dos maiores desafios de nossa época diz respeito ao uso educacional das mídias pelos educadores e instituições, tornando-se urgente um redimensionamento das práticas educacionais, de forma a romper de vez com os modelos tradicionais de ensino-aprendizagem. Ganham ênfase, nesta época, não apenas a busca de soluções para as novas necessidades humanas produzidas contínua e velozmente a cada dia, mas também a redefinição de conceitos como professor, aluno, comunicação, entre outros. Neste sentido, as questões e desafios se colocam para toda a sociedade e dizem respeito, também, às pessoas surdas: diversificação e aumento da clientela, necessidade da formação de usuários críticos e criativos das TICs, ampliação do tempo de estudo, redimensionamento dos papéis de professor e aluno no âmbito do ensino presencial e a distância, e o papel das mediações no processo ensino/aprendizagem.

Sob estes desafios, integrar as TICs nos processos educacionais deve, necessariamente, compreender as suas duas dimensões: como “ferramenta pedagógica”, no âmbito da *comunicação educacional*; e como “objeto de estudo” no campo da

mídia-educação ou *educação para as mídias* (BELLONI, 2001, p. 9). Isto significa uma educação que vise não apenas a aprendizagem do uso das TICs, dos equipamentos em si, como simples instrumentos tecnológicos ou como limitados ao repasse de conteúdos informativos ou conceituais, mas a formação de receptores /usuários críticos e autônomos que, através de uma metodologia adequada e recursos motivacionais, descobrem e criam suas próprias mensagens e respostas às TICs. Significa, ainda, compreender novos códigos de leitura e escrita, novas linguagens, novas formas de interpretação e compreensão, “que van más allá de la suma del lenguaje escrito con el visual, y que suponen por ello una auténtica revolución comunicativa, al aportar una nueva codificación de la realidad, más allá de los propios medios”.(GÓMEZ, 1995, p.111). Para este autor, a educação para a comunicação deve ser considerada muito mais do que um eixo transversal no currículo escolar, ou seja, é um poderoso veículo de integração de todas as áreas transversais.

A partir destes pressupostos básicos, analisamos três produções que tratam do uso das TICs na educação de pessoas surdas.

O primeiro destes trabalhos, intitulado *O surdo e a Internet* (CRUZ, 2001), relata uma experiência desenvolvida pela UNICAMP no ano de 2000, durante o curso de Especialização em Surdez. Partindo de um amplo estudo sobre as potencialidades da Internet e de uma visão geral da vida dos surdos, os autores pontuam os aspectos positivos da relação que as pessoas surdas estabelecem com a Internet:

- a) A internet tem se mostrado um local de profunda equidade entre todos os seus membros. Neste sentido, não parece haver qualquer preconceito ou discriminação e os surdos se sentem aceitos e não excluídos de um mundo sonoro.
- b) A Internet é rica fonte de informações escritas que substituem as orais com grande vantagem. Para que o acesso a estas informações se dê com maior confiabilidade, os autores apontam a necessidade do desenvolvimento de um senso crítico por parte de seus usuários.
- c) A possibilidade de dispor de recursos visuais facilita a inserção das pessoas surdas, pois as animações de imagens e sinais gráficos utilizados são de fácil compreensão e favorecem estes usuários, em particular. Uma das entrevistadas referiu, quanto à aprendizagem do instrumento, que era muito fácil, pois ele próprio a ensinava. Entretanto, a dificuldade encontra-se nas características das instruções escritas, pois a aprendizagem do Português não é uma atividade muito tranqüila para os surdos.
- d) A Internet tem se configurado para as pessoas surdas com as mesmas potencialidades do telefone para as pessoas ouvintes. Através delas, ampliaram-se as possibilidades de comunicação (via e-mail, chat, ICQ ou MIRC

etc.). Isto configura a Internet como um dos meios eletrônicos mais eficientes de contato com a língua escrita, expandindo o vocabulário e atribuindo novos significados aos signos, o que reporta ao uso da língua escrita no sentido atribuído ao conceito de Letramento.

- e) A escrita de sinais – Sign Writing – mostrou-se também promissora. Ela é uma escrita que envolve símbolos e convenções que permite, através de desenho, exprimir os movimentos utilizados na elaboração dos sinais. Porém, as dificuldades de compreensão e apropriação desta simbologia pelas pessoas surdas são muitas.
- f) Os tradutores on line são bastante úteis para as pessoas surdas, embora apresentem erros de significados nas traduções justapostas, comprometendo a compreensão da informação.
- g) A utilização da Internet como fator de agregação das comunidades surdas espalhadas pelo país e pelo mundo favorece a interação entre diversas nacionalidades e possibilitando a união para reivindicação de seus direitos.

Os resultados deste trabalho demonstraram que houve uma significativa melhora nas habilidades de leitura e escrita das pessoas surdas, além de ampliar as possibilidades de contato com outras realidades políticas e culturais. Segundo os autores,

no ambiente telemático (os surdos têm tido) a oportunidade de dialogar sem opressão das diferenças e compreender quais são os projetos comuns para além da diferença. Este também tem sido um espaço de denúncia do fracasso escolar e da falta de educação dos surdos.(ARCOVERDE; GIANINI, 2000, p.4).

Outro fator importante foi a desmistificação da presença dos surdos na Internet perante os ouvintes, que geralmente não os consideram com capacidade de utilizarem-se dela. Embora a Internet possibilite a independência das pessoas surdas, o que é bastante positivo, a comunicação via Internet apresenta a limitação de ocorrer através da leitura e da escrita, fato que denuncia a precariedade da formação que tem sido proporcionada a estas pessoas, como também a muitas pessoas ouvintes.

O segundo trabalho é de SANTAROSA (s/d), intitulado “*Telemática: um novo canal de comunicação para deficientes auditivos*”¹⁶, foi desenvolvido na UFRGS e trata do uso da telemática como “um dos mais promissores recursos para aproximar pessoas e desenvolver o potencial cognitivo dos seres humanos”. Resumidamente, este trabalho visa estudar as possibilidades do uso dos meios telemáticos no processo de comunicação entre surdos, desenvolver

alternativas de comunicação e acesso a informações, vivenciar intercâmbios entre surdos, desenvolver estratégias de intervenção na área da linguagem verbal escrita e observar os efeitos deste ambiente no processo de comunicação de produção de informação dos surdos.

Os resultados apontaram para o visível interesse na interação entre surdos via Correio Eletrônico, favorecimento da ajuda mútua entre colegas e aprendizagem mediada, melhora no desempenho social e afetivo do grupo, gradativo progresso no desenvolvimento cognitivo, maior independência, autonomia e satisfação na comunicação escrita. A autora enfatiza, assim, o uso da telemática como ferramenta pedagógica de intervenção no processo de comunicação escrita e interação social dos sujeitos envolvidos. Salienta a

importância de construir meios alternativos e espaços de desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo [...] que podem se efetivar em ‘escolas ou salas de aula virtuais’, que ofereçam um espaço de interação com o outro e acesso à informação como ‘janelas para o mundo’, visando sua auto-formação e maior utilização no contexto de nossa sociedade. (SANTAROSA, s/d).

O terceiro trabalho, de autoria de PACHECO (s/d), intitula-se “*Uso de softwares de histórias em quadrinhos e desenvolvimento da escrita em portadores de deficiência auditiva*” e aborda o problema da construção da linguagem escrita por estas pessoas e o fracasso das práticas pedagógicas de alfabetização, enfatizando, porém, que estas práticas também fracassam na alfabetização de alunos ouvintes. A autora analisa a produção escrita destes alunos e caracteriza-as como “produções atípicas comparadas com a produção escrita de ouvintes”. Utilizando-se de software de histórias em quadrinhos, a autora busca desenvolver a produção escrita e as habilidades lingüísticas destes sujeitos.

O relato de sua experiência demonstra as diferentes etapas pelas quais passaram os sujeitos envolvidos, desde a exploração do software até a reelaboração de seus próprios discursos, expressão de suas “falas” e das falas do outro e a produção de histórias cooperativas entre eles. Neste sentido, a autora aponta a necessidade urgente de busca de novas e mais eficientes ferramentas que possibilitem aos surdos o desenvolvimento e a aquisição da habilidade da escrita. O software de história em quadrinhos mostrou-se um instrumento funcional, propulsor do desenvolvimento da linguagem escrita.

Analisando rapidamente os três trabalhos apresentados, podemos encontrar alguns pontos de encontro e outros de desencontro entre eles. Embora ca-

recendo de uma análise mais aprofundada e de uma maior explicitação, visto estarem os trabalhos bastante resumidos aqui, podemos inferir que as tecnologias referidas foram utilizadas como *ferramentas pedagógicas*, evidentemente proveitosas para a melhoria do ensino da escrita e da ampliação das formas de comunicação. Entretanto, há que se considerar que, em que pese os poucos dados destes trabalhos, os autores não fizeram referência ao estudo crítico destas ferramentas, ou seja, não houve uma preocupação, pelo menos nos textos disponíveis, quanto ao desenvolvimento de uma visão crítica, criativa e interdisciplinar destes meios, exceção feita somente ao necessário desenvolvimento de senso crítico quanto ao tipo de informação veiculada pela Internet, no primeiro texto. Isto, sob nosso ponto de vista, confirma a hipótese de que as TICs são encaradas, no meio pedagógico, como instrumentos sofisticados de ensino/aprendizagem, mas apenas mais um instrumento, como foram os retroprojetores, a TV e o vídeo.

Isto reflete, na proposta de uso de tecnologias avançadas na educação de pessoas surdas, os mesmos problemas encontrados na educação de ouvintes. Não são poucos os relatos de experiências em todos os níveis de ensino, tratando de técnicas de utilização de jornais, histórias em quadrinhos, revistas, filmes, cartazes, e mais recentemente, softwares e páginas da Internet, onde a prioridade é buscar informações ou o desenvolvimento de uma habilidade específica.

Considerando os textos abordados aqui, podemos constatar que o desenvolvimento da criatividade e criticidade das pessoas surdas desenvolve-se a partir do uso do próprio instrumento, ou seja, há poucas interferências do professor. O aluno aprende sozinho, e este é um dos objetivos – o desenvolvimento autônomo e independente do aluno –, mesmo nos trabalhos que se fundamentam nas teorias que priorizam as interações entre os indivíduos. Estas interações acontecem entre surdos, naturalmente, espontaneamente, não há referência à mediação dos professores. Não há, por conseguinte, uma prática reflexiva sobre os meios escolhidos. O objetivo restringe-se, desta forma, ao uso do instrumento pelo instrumento. “*Ele próprio me ensina. É muito fácil*”, diz uma surda entrevistada. É de se supor, portanto, que o desenvolvimento da autonomia e da competência tanto do educador quanto dos alunos como “usuários” críticos e criadores das TICs, fique reduzido apenas à recepção. Há que se considerar, entretanto, que apesar das considerações aqui feitas, os trabalhos apresentados mostraram-se eficientes ao que se propuseram – melhorar a qualidade da produção escrita das pessoas surdas, e este fato merece todo respeito. Mesmo assim, dado o requinte e potencial dos instrumentos elencados, um passo adiante poderia ter sido dado, não somente no sentido de constatar que os surdos estão se organizando mais, se unindo mais, se apropriando de conheci-

mentos que têm mostrado outras possibilidades para suas vidas longe dos quadros da patologia e da deficiência. Um passo em direção ao uso crítico destas tecnologias, na produção de materiais significativos e promotores de reais transformações para estas pessoas, na educação, no trabalho, na vida social, enfim.

Poderíamos enumerar muitas experiências que vemos acontecendo em várias partes do mundo, que apresentam características semelhantes às expostas aqui. Contudo, a maioria delas traz, explícito ou nas entrelinhas, um certo deslumbramento com as possibilidades das TICs na educação de surdos. Tal fato demonstra que está sendo transferida para ela, consciente ou inconscientemente, a função educativa que coube, até agora, à escola. Pelo que pudemos observar, os sujeitos têm se apropriado da escrita e da leitura através destes instrumentos, das interações possibilitadas por eles. É a relação com a máquina substituindo as relações entre os humanos. Há que se pensar, e muito, sobre isso.

Conclusão

Os problemas relativos ao uso das TICs nas escolas atinge a todos os professores e alunos. Como vimos anteriormente, as novas TICs estão cada vez mais presentes na vida de todas as pessoas e, dadas as suas características marcadamente visuais, têm sido apropriadas de maneira sistemática e incisiva pelas pessoas surdas, estejam organizadas em comunidades ou isoladamente em seus lares.

As escolas ainda não compreenderam o valor das TICs para a educação dos surdos, e têm passado ao largo do uso das inovações tecnológicas no campo curricular e centrando seus esforços na aquisição das “ferramentas pedagógicas”, destinadas ao desenvolvimento de habilidades específicas, como falar, ler e escrever ou a meros instrumentos de comunicação.

Mesmo considerando a importância significativa que as TICs representam na educação de surdos, não podemos esquecer de ponderar alguns fatores, que influenciam sobremaneira as políticas e práticas educacionais. Um dos fatores mais importantes diz respeito à dificuldade de ingresso das TICs na educação de surdos, seja pelos motivos já abordados, seja por um outro, que é o acesso a elas. Este é um dado importantíssimo, pois as contradições presentes na sociedade capitalista em que vivemos, não têm possibilitado o acesso de todas as pessoas aos bens produzidos pela humanidade em sua história, inclusive à informação. Há que se considerar que apenas 2% do número total de pessoas surdas do país estão matriculados em escolas – públicas ou privadas, especiais ou regulares. Outro fator não menos importante é a formação de professores para o uso das TICs, que afeta sobrema-

neira a educação como um todo. A falta de informação sobre elas faz com que as reduzam a simples transmissores de informações a receptores passivos, ou ainda temem que elas tomem o seu lugar. Mais grave que isso é encará-las como recursos que compensam a surdez, transformando-as em objetos de lazer.

Valentini (1999, p.247) questiona:

Quais são os argumentos que levam a tecnologia para a escola? Se a nossa concepção for de sujeito surdo que precisa ser auxiliado e conduzido pelo professor em sua jornada no mundo dos ouvintes, o computador será visto como um instrumento que pode ‘reforçar’ alguns conteúdos básicos. Destarte, a tecnologia é empregada no seu aspecto mais básico e simplificado em função de considerar a própria surdez como limitadora de possibilidades e potencialidades.

A própria comunidade surda tem mostrado que a tecnologia, para ela, é muito mais do que isso. A jornada não é tanto pelo mundo dos ouvintes, mas pelo mundo dos surdos, onde encontram seus iguais, onde articulam saberes e experiências, onde projetam seu futuro, onde organizam suas reivindicações, onde produzem a escrita virtual de sua língua visual e onde, a despeito dos esforços dos ouvintes em acompanhá-los, escrevem sua própria história.

Mesmo assim, há que se refletir se a tecnologia vem ocupar o lugar das diversas abordagens educacionais destinadas às pessoas surdas, se se tornará, efetivamente, em elemento transformador da sua realidade social, desenvolvendo a sua capacidade de examinar autônoma e criticamente as imagens ou se, a despeito de todos os esforços, se tornará um novo e sofisticado elemento de sua dominação.

Notas

- 2 Utilizo o termo “localizadas” por entender que o espaço destas pessoas na sociedade é constituído a partir da relação que elas estabelecem com outros sujeitos sociais, em especial seus familiares e os profissionais que os acompanham durante toda sua vida e que, são, em sua ampla maioria, ouvintes.
- 3 O termo “distinção” é utilizado no sentido de caracterizar todas as pessoas que não correspondem aos ideais valorizados pela classe dominante, em todos os momentos históricos e que abrangem tanto os aspectos físicos

quanto os culturais, lingüísticos, sociais etc.. Não está sendo utilizado como sinônimo de *deficiência, excepcionalidade ou anormalidade*.

- 4 O processo de desmutização consiste em *devolver* ou *habilitar* as pessoas surdas ao uso da fala oral, articulada pelos órgãos de fonação. Isto talvez explique o grande número de médicos envolvidos neste processo de “cura”. Da mesma forma o “milagre”, ansiosamente buscado pelos religiosos.
- 5 As primeiras publicações sobre a educação de surdos, seja para ensiná-los a falar, seja para divulgar a Língua de Sinais, datam do século XVII.
- 6 Língua de Sinais é a língua natural das pessoas surdas, utilizada para todas as funções exercidas pela língua oral em relação às pessoas ouvintes.
- 7 Em especial aquelas pessoas que possuem resíduos auditivos significativos.
- 8 Audiômetro – aparelho utilizado para medir a acuidade auditiva.
- 9 Esta abordagem é conhecida como abordagem oralista, ou Oralismo.
- 10 Esta abordagem é conhecida como filosofia da Comunicação Total.
- 11 Surgidas juntamente com a sociedade industrial, nos centros urbanos, especialmente.
- 12 Elementos sobre estes aspectos podem ser encontrados nos pesquisadores surdos norte-americanos
- 13 Esta abordagem é conhecida como Bilingüismo.
- 14 Sistema de escrita de sinais baseado na escrita dos passos da dança, desenvolvido por Valerie Sutton em 1974. A Dinamarca foi o primeiro país no mundo a registrar um sistema de escrita da língua de sinais. No Brasil, este sistema chegou apenas no final dos anos de 1990.
- 15 Letramento é entendido neste trabalho conforme SOARES (1998, p. 18) como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como conseqüência de ter-se apropriado da escrita ”.
- 16 O termo “deficiente auditivo” é utilizado pela autora. Neste trabalho, optamos por designar estes sujeitos como “surdos” ou “pessoas surdas”, conforme os referenciais teóricos que acreditamos.

Referências

- ARCOVERDE, R.D.L; GIANINI, E. – **Internet e surdos**: possibilidades infinitas de comunicação. Disponível em: <www2.insoft.br/~scie/1999/RossanaDLArcoverde-InternetESurdos.html>. Acesso em 15/08/2000.
- BELLONI, M. L. *O que é Mídia-Educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. n. 9394/96, 1996.
- CRUZ, C.R. O surdo e a internet. Disponível em: <www.dspcom.fee.unicamp.br/cristia/surdos/surdo_net.html> Acesso em 22/03/2001.
- GÓMEZ, J. I. A. La “educación en medios de comunicación”, más allá de la transversalidad., *Revista Comunicar*, Madrid, n.4, p. 11-113, 1995.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NAVAS, S. C. Un cambio de paradigma: la educación de la persona sorda. *Revista Interamericana de Desarrollo Educativo*. OEA. Ano XXXVIII, n. 119-120, 1994.
- PACHECO, C.O. Desenvolvimento da escrita em portadores de deficiência auditiva e uso de softwares de histórias em quadrinhos. In: CONGRESSO IDERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, *Anais [s/l]* 1998, p. 3.
- SANTAROSA, L.M.C.; LARA, A.T.S. *Telemática*: um novo canal de comunicação para deficientes auditivos. 1977. Disponível em: <www.niee.ufrgs.br/publicacoes/artigos/da_ribie>. Acesso em 15/08/2000.
- SKLIAR, C. (org.) *Atualidades da Educação Bilíngüe para Surdos*. v.1.Porto Alegre: Mediação, 1999.
- SOARES, M. *Letramento em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- VALENTINI, C. B. As novas tecnologias da informação e a educação de surdos. In: SKLIAR, C. (org.) *Atualidades da Educação Bilíngüe para Surdos*. v 1. Porto Alegre : Mediação, 1999. p. 233-248.
- www.signwriting.org Acesso em ; 20/03/2001
- www.ines.org.br Acesso em ; 02/04/2001
- www.feneis.com.br Acesso em ; 06/08/2001
- www.sentidos.com.br Acesso em ; 20/07/2001
- www.penta.ufrgs.br/edu/teleb/edusurdos Acesso em ; 28/03/2001

Recebido em 15/09/2003

Aprovado em 25/11/2003

Idavania Maria de Souza Basso
Rua Alferes Tiradentes, 1096 - Jardim Eucaliptus -
88150.620 - Palhoça - SC
Email bvaniam@uol.com.br